



Fluxos e refluxos: anotações sobre a trajetória do Clube de Cinema da Bahia.

IZABEL DE FÁTIMA CRUZ MELO*

A atividade cineclubista é considerada um os caminhos primordiais do percurso iniciático em relação ao cinema. É bastante comum encontrarmos nos relatos de muitos cineastas e críticos, menções a importância dos clubes de cinema/cineclubes como um espaço convidativo à reflexão e debate sistemático sobre cinema, bem como a possibilidade de encontro com outras cinematografias para além da hollywoodiana, que no caso brasileiro, ocupou e ainda ocupa majoritariamente as salas de cinema.

Ainda que a definição geral de cineclubismo tenha como horizonte de expectativa o modelo clássico francês, as experiências concretas indicam que a depender das possibilidades e circunstâncias, os clubes de cinema e cineclubes se organizaram de maneiras muito particulares, alguma se aproximando, outras se afastando do modelo desejado, e assim de formas variadas, consolidando - se, especialmente entre as décadas de 1920 e 1970, como os principais espaços de formação do campo cinematográfico.¹

Nesta perspectiva, interessa-nos aprofundar a compreensão da atuação do Clube de Cinema da Bahia (CCB), a partir das suas principais atividades, centrando nossa atenção para os momentos que consideramos a segunda fase do Clube, entre os anos de 1968 e 1978. Estabelecemos esta divisão, pois segundo tanto a bibliografia, quanto a documentação, o CCB realizou um percurso intermitente durante a sua existência, no qual houve uma variação dos espaços utilizados e, sobretudo, a modificação do perfil das atividades, com a reorganização do CCB por Guido Araújo, após o falecimento de Walter da Silveira.

Na verdade, pode-se considerar que este segundo ou novo momento não seria somente do CCB, mas também do próprio campo de cinema na Bahia, que após o Ciclo Baiano de Cinema, passa por um momento de retração, mas não de completa paralisação, como demonstra a existência do surto marginal, que Ednei Pereira (2014) localiza entre 1969 e 1972, a partir do contexto de realização dos *filmes Meteorango Kid: herói intergalático* (1969) de André Luiz Oliveira; *A construção da morte* (1969) de Orlando Senna; *Akpalô* (1970) de Jorge Frazão e Deolindo Checucci; *Caveira, my friend* (1970)

* Docente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Meios e Processos Audiovisuais na Universidade de São Paulo (USP). Bolsista pelo PAC/UNEB.

de Álvaro Guimarães e *O anjo negro* (1972) de José Umberto. Filmes cujo caráter experimental e, sobretudo, marginal, dialogavam com um espectro muito restrito, visto que assim como seus congêneres de outras regiões do Brasil, não participavam dos esquemas de produção e distribuição mais amplos, como em certa medida os filmes do Ciclo buscaram.

Contudo, ainda que produção estivesse diminuída na produção de longas metragens, os caminhos da aprendizagem continuavam a se mobilizar num desejo de expansão, que se verifica através da continuidade das atividades do CCB, participando inclusive da VII Jornada Nacional de Cineclubes e III Festival do Curta Metragem Brasileiro², bem como o surgimento do Grupo Experimental de Cinema, curso de extensão na Universidade Federal da Bahia (UFBA), fundado em 1968. Todavia, além do AI-5, o adoecimento e posterior falecimento, em 1970 de Walter da Silveira causa um estremecimento neste processo. As complicações de saúde de Silveira ocasionam modificações na proposta do GEC bem como a suspensão total das atividades do CCB até 1971, quando Guido Araújo, auxiliado por André Setaro, e posteriormente nos anos seguintes, Luís Orlando da Silva, Nélia Belchote, Cláudio Pereira, entre outros, reativa o CCB, a partir das Retrospectivas Oberhausen e Dez anos do Cinema Baiano, no Cine Rio Vermelho.

Percebemos nessa reativação uma significativa mudança no perfil e atuação do CCB, que tanto têm a ver com as diferenças de perfil entre Walter da Silveira e Guido Araújo, quanto com a mudança de conjuntura no período. Esta interpretação nos foi possível através da análise do conjunto da documentação. A princípio, o caminho pra esta percepção deu-se observando a diferença na elaboração dos prospectos para as exposições. Eles deixam de ser preparados especialmente para cada sessão como eram na primeira fase do Clube e passam a ser compostos por citações longas de textos de diversos autores sobre os filmes a serem exibidos e/ou pequenas biografias e sinopses sobre os diretores e seus filmes.

A programação, por sua vez, vai se tornando paulatinamente muito vinculada aos filmes disponibilizados pelo Instituto Goethe. Consideramos por isto, que sob a liderança de

² Realizados entre 16 e 20 de julho de 1968 em Brasília.

Guido Araújo o foco se desloca. Silveira era, além de programador do CCB, sobretudo crítico e ensaísta, colocando-se no campo cinematográfico através das elaborações teóricas a respeito do cinema desenvolvidas ao longo da sua profícua atuação que se espalhava também pelo cineclubismo. Por sua vez, Araújo, apesar de também se ocupar da crítica, é mais ligado à prática, tanto no sentido da realização cinematográfica, quanto na articulação de cursos, palestras e festivais.

Além disso, há uma modificação também no perfil etário dos participantes do clube. Enquanto Veruska Silva (2010) e Maria do Socorro Carvalho(1999) indicam que na primeira fase do CCB, a frequência era majoritariamente de profissionais liberais (advogados, engenheiros), professores e artistas, neste segundo momento, a proporção se inverte como vemos tanto na entrevista com Luiz Orlando,³ na qual ele ressalta a grande presença estudantes universitários, quanto nas propostas de associação encontradas que vão entre 1971 a 73, há um percentual de 65% de estudantes⁴.

Todavia, há também semelhanças e algum grau de continuidade entre os dois momentos, que se revelam, por exemplo, na compreensão do cineclube com o espaço primordial de formação, a partir do qual é possível articular saberes e aprendizagens que podem reposicionar os sujeitos que passaram por ele, criando ou potencializando uma ambiência que se desdobrou por cerca de 40 anos no cenário cultural da Bahia.

Programação e atividades.

Com a reativação do Clube, a sede do CCB, foi provisoriamente organizada na Biblioteca Central do Estado, no bairro dos Barris em 1971⁵, e assim como as já citadas retrospectivas de 71, a programação o CCB durante o ano de 1972 foi exibida no Cine Rio Vermelho, sala localizada no bairro de nome homônimo, geralmente às 20:30 das sextas-feiras, e além disso, a sede foi transferida também “provisoriamente” para o

³ Entrevista com Luiz Orlando da Silva no Setor de Cinema da UFBA. 27 de abril de 2005.

⁴ Propostas de filiação de 1971 a 1973. Setor Memória UFBA. Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa

⁵ Proposta de filiação nº 220/1971. Setor Memória UFBA. Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa

Instituto Goethe, onde permaneceu durante todo o período ao qual esta pesquisa se refere.⁶

Durante os anos 1970, o CCB continuou a ser uma referência para as atividades cineclubistas na Bahia, haja vista a frequente demanda de auxílio para organização de clubes de cinema, como ocorreu em 1972, quando a Sociedade Itabunense envia correspondência solicitando ao CCB esclarecimentos acerca dos procedimentos necessários para abertura de um clube de cinema em Itabuna, tanto no que diz respeito aos aspectos legais, quanto as referências de diretores e temas para exibição dos filmes.⁷, mobilização que se concretiza em 1973. Aliado a isto, há também notícias de organização ou reorganização de diversas entidades no interior, tais como Feira de Santana e Juazeiro, apontando para o crescimento da atuação cineclubista no estado. Nesta perspectiva, a matéria do jornal A Tarde aponta para a importância do Encontro Nordeste de Dirigentes de Cineclubes e Cinemas de Arte, que fará parte da programação da II Jornada Nordestina de Curta Metragem, como um momento de trocas e tentativa de coordenar as atividades desenvolvidas pelas entidades⁸, movimento de articulação que provavelmente está relacionado com a organização do Mercado Paralelo organizado pelo Conselho Nacional de Cineclubes.

No que diz respeito às programações, a partir de 1973, conseguimos encontrar informações mais constantes e consistentes, na documentação do próprio CCB e nos jornais. O relatório deste ano se estrutura em torno de 15 temas desenvolvidos por meio de mostras que ocorreram entre março e dezembro. Os temas concentravam-se em filmografias de países específicos, como as IV e V Mostra de jovens diretores alemães (com o auxílio do Instituto Goethe); Mostras do Cinema Francês (com a colaboração da Embaixada Francesa no Brasil) e Japonês, além do Panorama do Cinema Búlgaro; lançamentos de filmes brasileiros e estrangeiros inéditos em Salvador; relançamentos de filmes considerados representativos; retrospectivas, como a dedicada a Thomas Farkas, aos premiados do Festival de Oberhausen (patrocínio do Consulado Geral da República

⁶ Proposta de filiação nº 234/1972. Setor Memória UFBA. Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa

⁷ SOCIEDADE ITABUNENSE DE CULTURA. *Correspondência ao Clube de Cinema da Bahia*. Datilografado. 09 de (setembro ou novembro) de 1972. Setor Memória UFBA. Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa.

⁸ JORNAL A TARDE. *Clube de Cinema*. 18 de abril de 1973. pg.8. Hemeroteca do Centro de Memória da Bahia.

Federal da Alemanha) e ao Cinema Amazonense, além do Ciclo Cinema e Literatura, baseado em obras literárias adaptadas ao cinema. A programação durante este ano ocorreu simultaneamente em dois locais, o Cinerante, espaço de exibição do Instituto Goethe e no já citado Cine Rio Vermelho⁹.

Em 1974, as exibições foram realizadas tanto no Cine Rio Vermelho, no Cine Capri, localizado no Largo Dois de Julho, região central de Salvador e no Instituto Goethe (Cinerante e auditório). No transcorrer do ano, encontramos diversas matérias, especialmente, mas não exclusivamente, na coluna “Estudantil”, que nos auxiliam a compreender o fluxo da programação do CCB. A localização das informações reitera nossa hipótese da mudança do perfil e faixa etária dos frequentadores do Clube, pois como o próprio nome indica, esta sessão do jornal era dedicada aos estudantes, com informações a respeito da vida cultural da cidade, cursos, concursos, entre outras atividades consideradas de interesse deste público.

Em janeiro, encontramos no jornal um resumo das ambições do CCB para 1974, que segundo Guido Araújo, concentraria a programação semanal em 3 projeções em 16 mm e mais uma em Super-8, além dos seminários “Cinema e televisão” e “Cinema e Literatura”, organizados em parceria com o Instituto Goethe, que também cederia o auditório e a aparelhagem de exibição para os filmes em Super-8, “para que em cada segunda feira se realize debates e projeções, sobretudo dos filmes que estão sendo realizados pelo pessoal baiano”¹⁰.

O “pessoal baiano” a quem Araújo aqui se refere, são os então jovens superoitistas, Fernando Belens, Pola Ribeiro, Lindinalva Oliveira (Linda Rubim) e outros já não tão jovens como Robinson Roberto, José Umberto, Chico Liberato, que além do 16 mm também produziram em Super-8, entre outros como Agnaldo “Siri” Azevedo, Tuna Espinheira e Walter Lima, que permaneceram no 16. É preciso reconhecer que o *boom* da produção superoitista em Salvador esteve muito vinculada às Jornadas de Cinema, que desde a sua primeira edição em 1972, permitia a inscrição de filmes desta bitola,

⁹ CLUBE DE CINEMA DA BAHIA. *Programação - 1973*. Datilografado. Setor Memória UFBA. Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa.

¹⁰ JORNAL A TARDE. *Clube de Cinema mudou para sábado no Capri*. Terça-feira, 15 de janeiro de 1974. Coluna: Sociedade July. P. 11. Hemeroteca do Centro de Memória da Bahia.

criando uma porta de entrada para os novos realizadores e sua produção que precisava ser escoada. E isto ocorria através das programações dos cineclubes, como neste caso do CCB e também dos festivais tais como a Jornada, o JB (RJ), o Griffé (SP), Festival de Cinema Super-8 (SE) e do Festival do Filme Super-8 em Curitiba, e justamente para divulgá-lo e convidar Guido Araújo para o júri, o cineasta Sylvio Back esteve em Salvador durante o mês de janeiro, apontando mais uma vez as conexões que permitiam a circulação de informações, filmes e realizadores pelo Brasil a fora¹¹.

A organização da programação de 1974 segue um esquema semelhante ao de 73, organizado a partir de temas, cinematografias nacionais ou diretores. Neste ano os temas foram, Cinema social; O cinema e a guerra; O realismo social no cinema pré-nazista; Segunda chance; Premiados na III Jornada Brasileira de Curta-Metragem; Obras reveladoras e Grandes momentos do cinema mundial. No caso das duas últimas mostras os critérios que localizam os filmes como “reveladores” ou “grandes” não são explicitados, mas podem ser possíveis de inferir, ao buscarmos compreender o lugar que estes filmes tem na história do cinema mundial, como por exemplo, seriam os casos de *O garoto* de Charles Chaplin e *O bandido Giuliano* de Francesco Rossi, elencados entre as “obras reveladoras”. No caso das cinematografias nacionais, houve as mostras “Cinema de animação da Alemanha”, concentrada em obras realizadas na década de 1920; “Retrospectiva do Cinema Brasileiro”, com filmes cinemanovistas e “Cinema francês” com filmes de Jean Vigo e Georges Franju e por fim, mostras sobre Fritz Lang e René Clair.¹²

Além das exhibições, o CCB organizou em parceria com o Instituto Goethe (ICBA), um Seminário de História do Cinema Documentário Internacional e “uma antologia sobre história do cinema de animação”, associada à mostra do Cinema de animação da Alemanha “organizada, documentada e introduzida por Hilmar Hoffman, antigo diretor do Festival Internacional de Curta Metragem de Oberhausen”.

¹¹ JORNAL A TARDE. *Clube de Cinema*. Terça-feira, 22 de janeiro de 1974. Coluna: Estudantil. p.09. Hemeroteca do Centro de Memória da Bahia.

¹² CLUBE DE CINEMA DA BAHIA. *Programação - 1974*. Datilografado. Setor Memória UFBA. Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa

Seguindo o fluxo das correspondências, podemos acompanhar a face interna do Clube de Cinema, evidenciando o tipo de trabalho e articulação necessárias para que as atividades de formação, sejam elas as exhibições regulares, cursos ou mostras especiais fossem possíveis. Nesta perspectiva, encontramos algumas cartas que tratam da preparação do “Mês do Cinema Brasileiro”, previsto para acontecer no mês de março do ano vindouro. No caso desta mostra, como também provavelmente em outras, o CCB, tomou como base uma programação já ocorrida na Cinemateca do MAM/RJ, e a reinventa, adequando-a as questões e necessidades baianas, como diz Guido Araújo, na carta endereçada à Cosme Alves Neto, diretor da Cinemateca: “Era minha intenção fazer uma retrospectiva como vocês fizeram ai, mas em menor proporção. Contudo é tão grande o número de filmes brasileiros inéditos na Bahia, que eu estou pensando em fazer o “Mês do Cinema Brasileiro Inédito”¹³.

Neste percurso de organização da mostra, o CCB buscou o auxílio da Embrafilme, solicitando a colaboração da empresa através do envio de alguns títulos em 35 mm, bem como a participação de Roberto Farias, seu então presidente, para participação no “Seminário Crítico sobre o Filme Brasileiro”¹⁴. Além da busca do apoio institucional, tentou-se também viabilizar a participação dos filmes, diretamente com os próprios cineastas, como foi o caso de Arthur Omar, convidado para exhibir *Triste Trópico* (1973)¹⁵. Assim, o ano 1975 se inicia no CCB com a realização do “Mês do Cinema Brasileiro”, organizado pelo próprio Clube de Cinema, GEC e com a colaboração do Sindicato dos Jornalistas da Bahia, do I. Goethe e da Embrafilme.

Observando a programação final, aliada ao processo de organização já visto anteriormente nas cartas, é visível a intenção de que a mostra se constitua como um panorama da produção cinematográfica brasileira, desde os anos 1930 até os 1970, além dos curtas do acervo do Departamento de Assuntos Culturais do Ministério da Educação (DAC-MEC). Assim, foram exibidos 50 filmes divididos em três blocos temáticos, a

¹³ ARAÚJO, Guido. *Correspondência para Cosme Alves Neto- diretor da Cinemateca do MAM/RJ*. 18 de dezembro de 1974. Datilografado. Setor Memória UFBA. Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa.

¹⁴ ARAÚJO, Guido. *Correspondência para Arthur Omar*. 18 de dezembro de 1974. Datilografado. Setor Memória UFBA. Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa;

¹⁵ ARAÚJO, Guido. *Correspondência para Roberto Farias - diretor geral da Embrafilme*. 18 de dezembro de 1974. Datilografado. Setor Memória UFBA. Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa.

saber: “Panorama contemporâneo do cinema brasileiro”; “Retrospectiva do cinema brasileiro” e “Filmes brasileiros inéditos”.¹⁶

Em paralelo à mostra, houve também, entre os dias 17 e 27 de março, o “Seminário Crítico de Cinema Brasileiro”, patrocinado pelo GEC e Instituto Goethe. O seminário contou com conferências, palestras e debates, além de exhibições de filmes que “marcaram época”. Estas atividades ocorreram na biblioteca do Instituto Goethe, das 17 às 19 h, com direito a certificação para os participantes. Entre os participantes estavam Arthur Omar, Sérgio Sanz, Guido Araújo, Bruno Barreto, Luiz Carlos Barreto, Nelson Pereira dos Santos, Sérgio Ricardo e Roberto Farias, que realizou a conferência de abertura do “Seminário Crítico”.¹⁷

O CCB durante o ano de 1975 tem o intuito de “apresentar a cada mês um panorama de cinematografias pouco conhecidas, porque marginalizadas do circuito comercial”¹⁸. Nesta perspectiva, sempre com o apoio do Instituto Goethe, no mês de abril foi o “Mês do cinema alemão”, exibindo uma retrospectiva do “moderno cinema alemão” no Cinerante e Cine-teatro do Instituto Goethe às 21 h.¹⁹ Maio foi a vez do cinema tcheco, todas as segundas às 18:30 e 21 h, no Cinerante e às quartas, 21 h no Cine-teatro.²⁰ Em junho, o Fórum Internacional de Cinema Jovem, com filmes ingleses, alemães e canadenses, por exemplo premiados e considerados de vanguarda além da VI Mostra de jovens diretores alemães. Os meses de julho e agosto foram dedicados aos filmes de início de carreira de Charles Chaplin e ao “Gordo e o magro”.²¹ Ainda no mês de agosto, houve também o “Seminário de Cinema”, realizado nos dias 21 e 22, no Cine-teatro o Instituto Goethe com o professor Wolfgang Längsfeld, apresentando a estrutura e

¹⁶ JORNAL A TARDE. *Na Bahia, o mês do cinema brasileiro*. Quarta-feira. 19 de fevereiro de 1975. P. 02. Hemeroteca do Centro de Memória da Bahia.

¹⁷ JORNAL A TARDE. *Filmes contam a história do cinema brasileiro*. Quarta-feira. 12 de março de 1975. p.05. Hemeroteca do Centro de Memória da Bahia;

¹⁸ CLUBE DE CINEMA DA BAHIA. *Programação - 1975*. Datilografado. Setor Memória UFBA. Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa.p1

¹⁹ JORNAL A TARDE. *Cinema alemão*. Quinta-feira 17 de abril de 1975. p.15. Hemeroteca do Centro de Memória da Bahia

²⁰ JORNAL A TARDE. *Mês do cinema tcheco*. Sexta-feira. 09 de maio de 1975. p.15. Hemeroteca do Centro de Memória da Bahia.

²¹ JORNAL A TARDE. *Um festival para Chaplin*. Sábado 12 de julho 1975. p.04. Hemeroteca do Centro de Memória da Bahia; JORNAL A TARDE. *O gordo e o magro no ICBA*. terça-feira 29 de julho de 1975. p.12. Hemeroteca do Centro de Memória da Bahia

os métodos de ensino e trabalho da Escola Superior de Cinema e Televisão de Munique.²²

O mês de setembro foi ocupado pelas atividades da IV Jornada Brasileira de Curta-Metragem, o curso de montagem, oferecido em colaboração com o Instituto Goethe e ministrado pela montadora alemã Stefanie Wilke. As aulas foram ministradas numa moviola Steinbeck 16 mm de propriedade do Goethe. Além destas atividades, houve também o curso “Cinema e propaganda: cinema nacional-socialista”, na qual estava prevista a exibição 18 documentários e 13 atualidades produzidas pelo III Reich e aulas de Jean-Claude Bernardet.²³ Embora, o relatório de atividades não mencione isto, encontramos indicações de interrupção do curso na segunda aula, por ação da censura.²⁴ Tudo indica que a proibição do curso estava relacionada com o fato de Bernardet ter sido proibido de ministrar aulas e cursos em todo território nacional pela ditadura. A programação de 1975 se encerrou com os “Grandes Clássicos”, entre os meses de outubro e dezembro, para homenagear os 80 anos de criação do cinema e 25 anos de fundação do CCB.

O ano de 1976 começa para o Clube com uma grande divulgação na imprensa a respeito do Curso Intensivo de Cinema, promovido pelo próprio CCB, Instituto Goethe e Associação Brasileira de Documentaristas (ABD), com a colaboração da Coordenação Central de Extensão da UFBA, Fundação Cultural do Estado da Bahia, Prefeitura de Salvador e Embrafilme. As matérias enfatizam que o objetivo principal do curso é o aprofundamento dos conhecimentos dos alunos, “visando a formação profissional para aqueles que se interessem pelas profissões de documentaristas, câmara, montador, técnico de som.”²⁵

²² JORNAL A TARDE. *Seminário de Cinema no ICBA*. Quinta-feira, 07 de agosto de 1975. p.12. Hemeroteca do Centro de Memória da Bahia

²³ CLUBE DE CINEMA DA BAHIA. *Programação - 1975*. Datilografado. Setor Memória UFBA. Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa.p2; INSTITUTO GOETHE. *Cinema e propaganda: cinema nacional-socialista. Wort und tat (Palavra e ação)* Datilografado. Setor Memória UFBA. Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa.

²⁴ Entrevista com Luiz Orlando da Silva. 27 de abril de 2005. Setor de Cinema da UFBA; SCHAFFNER, Roland. *Memoráveis paixões transculturais: euroafroameríndia*. Salvador: EDUFBA, 2011.p.103-104.

²⁵ JORNAL A TARDE. *Intensivo de cinema*. Coluna Cursos e Concursos. Sábado 06 de março de 1976. P.5. Hemeroteca do Centro de Memória da Bahia

Mesmo sendo realizado sob a chancela do CCB, é de certa forma um desdobramento das propostas do Grupo Experimental de Cinema, ao conseguir finalmente viabilizar um curso de proposta profissionalizante, com presença de técnicos, críticos e cineastas, ministrando as aulas no primeiro semestre do ano. Além do Curso Intensivo, acompanhando o relatório anual²⁶, sabemos que o CCB continuou com as suas atividades de exibição durante o mês de março, com três mostras: “Retrato de Michelangelo Antonioni”, “Os melhores do jovem cinema alemão I” e a “Retrospectiva Wadja”, organizada em colaboração com a Embaixada da Polônia Fundação Cultural do Estado da Bahia (FUNCEB). Todavia, para nós a mostra mais significativa deste mês foi “O cinema brasileiro através do documentário”, em que foram apresentados documentários sobre artistas e diretores brasileiros, bem como sobre momentos considerados marcantes no cinema nacional, tais como, a existência da Cinédia, da Vera Cruz e da Boca do Lixo, por exemplo.²⁷

Já no mês de abril, novamente ocorreram programações relativas ao cinema italiano e alemão. Sobre o primeiro, foi a mostra “Dramas e tragédias do cinema italiano”, em homenagem a memória de Luchino Visconti. “Os melhores do jovem cinema alemão II”, continua as exibições relativas ao Novo Cinema Alemão, que tem presença frequente na programação do CCB, graças a frequente cooperação do Instituto Goethe com as realizações do Clube. Houve também uma apresentação de documentários humanitários das Nações Unidas e a “Aproximação ao Cinema Chinês”, documentários realizados pela República Popular da China, cuja programação foi elaborada em colaboração com a FUNCEB e a Cinemateca do MAM/RJ e apresentada no auditório da Biblioteca Central. Houve também um “Ciclo de conferências e debates sobre cinema”, que ocorreu quinzenalmente na Biblioteca do Instituto Goethe, como atividade associada do CCB e GEC.

Mesmo sem detalhes maiores a respeito deste ciclo, a sua existência aponta para questões que nos são caras: a ideia da formação, e nesse sentido tanto o cineclube quanto o GEC são mais do que espaços de exibição, mas também de reflexão e debate

²⁶ CLUBE DE CINEMA DA BAHIA. *Programação - 1976*. Datilografado. Setor Memória UFBA. Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa

²⁷ Idem

sobre o cinema, pensado numa perspectiva que passa tanto pela realização quanto pela sua história e os modos possíveis de contá-la. E, além disso, o grau de proximidade e inter-relação entre as instituições, fazendo com que, no caso do CCB, GEC e futuramente a Jornada, uma delas possa concretizar ideias ou projetos que foram aparentemente gerados em um dos espaços, mas que na prática se desdobram, mesclando a atuação dos três, gerando este campo de compartilhamento e formação.

No mês seguinte, houve mais uma “Mostra do jovem cinema alemão”, desta vez dedicada a filmes inéditos em Salvador e outra aos “Clássicos do cinema mudo alemão” I. Foram exibidos também o “Cinema contemporâneo I”, com filmes como *Amuleto de Ogum* (1974) de Nelson Pereira dos Santos, *Uirá, um índio em busca de Deus* (1974) de Gustavo Dahl e *A noite do espantalho* (1974) de Sérgio Ricardo.

Por fim também foi exibida no auditório da Biblioteca Central do Estado, com a colaboração da FUNCEB uma programação específica de filmes baianos, chamada “Novo cinema baiano”, composta por mesa redonda e debates sobre a “situação do cinema baiano”. O relatório informa de modo bastante impreciso que houve também exibição de filmes em Super-8. Entre os filmes elencados a maior parte é de curtas metragens documentais que tratam de temas relacionados a cultura popular tanto em Salvador, quanto no interior do estado.

Em junho, temos a continuação das mostras “Clássicos do Cinema Alemão II” e “Cinema brasileiro contemporâneo II” com os filmes *Os Inconfidentes* (1973) de Joaquim Pedro de Andrade, *Nordeste: cordel, repente, canção* (1974) de Tânia Quaresma e *Ovelha negra* [uma despedida de solteiro](1974) de Haroldo Marinho Barbosa. Houve também mais uma retrospectiva Charles Chaplin, uma “Antologia do cinema mudo” e mais uma vez apontando a associação na realização de atividades, a VI Mostra do Filme Etnográfico, realização do GEC, que conta com a colaboração do CCB, entre outras instituições da Bahia e outros estados. Neste mês houve ainda a exibição da seleção inaugural os filmes da Dinafilme (Distribuidora de Filmes do Conselho Nacional de Cineclubes).

Já ao final do ano, durante novembro, as atividades de exibição se referem mais uma vez aos cinemas alemão e brasileiro, com “O cinema da República Democrática

Alemã”, realizado em colaboração com a RDA e a FUNCEB, e a exibição dos filmes brasileiros *São Paulo S/A* (1966) de Luís Sérgio Person e *Vozes do medo* (1971), filme de episódios dirigido por 12 pessoas, entre as quais Aloysio Raulino e Roberto Santos. De forma mais específica aconteceram atividades relacionadas à animação, tais como “O filme de animação e experimental do Canadá” em que foram mostrados 14 filmes e o “Curso de técnica de animação no cinema”, ministrado por Francisco (Chico) Liberato.²⁸ O curso teve a duração de um mês, com encontros semanais às terças e quintas e se organizava em dois grandes eixos: “Teorias e leis básicas, físicas e elementares da animação” e “Características da animação”.²⁹

Já em 1977 as atividades do CCB se iniciam em fevereiro com a participação de seus delegados na XI Jornada Nacional de Cineclubes, realizada em Campina Grande (PB). Em março, houve o “Mês do novo cinema alemão”, com filmes dos então jovens cineastas alemães, tais como Reinhart Hauff, Alexander Kluge, Rainer Fassbinder e Win Wender, inéditos comercialmente no Brasil. O mês de abril foi completamente dedicado ao cinema brasileiro. Entre os dias 11 e 20 houve, a “Quinzena do Cinema Brasileiro”. Os filmes e os debates relativos a eles aconteceram diariamente no auditório do Instituto Goethe. O programa da “Quinzena” trazia além da ficha técnica e sinopses dos filmes, um texto introdutório de Bráulio Tavares, que se propõe a refletir sobre o papel do cinema brasileiro como avaliador crítico da “realidade nacional”.³⁰ Nesta perspectiva, há nas considerações de Bráulio Tavares uma preocupação com o papel do cinema como um veículo possível de reflexão sobre as questões sociais brasileiras. Simultaneamente a “Quinzena”, Jean Claude Bernardet esteve em Salvador entre os dias 11 e 15 de abril, ministrando o seminário: “Dramaturgia e realidade no documentário brasileiro”, realizado pelo CCB em colaboração com a Cinemateca do MAM, Embrafilme e MIS/SP.

Entre os dias 16 e 27 de maio o Clube exibiu com a colaboração da Cinemateca do MAM, a mostra “Revisando o Neo realismo”, composta tanto por filmes considerados

²⁸ JORNAL A TARDE. *Técnicas de animação*. Coluna Cursos e Concursos. Sábado. 06 de novembro de 1976. P.3. Hemeroteca do Centro de Memória da Bahia

²⁹ CLUBE DE CINEMA DA BAHIA. Programa do curso *Técnicas de animação*. Novembro de 1976. Datilografado. Setor Memória UFBA. Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa

³⁰ CLUBE DE CINEMA DA BAHIA. Programa “Quinzena do Cinema Brasileiro”. 11 a 20 de abril de 1977. Datilografado. Setor Memória UFBA. Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa.

clássicos quanto outros pouco conhecidos desta escola.³¹ Durante os meses de junho e julho, houve um “Curso Prático de Montagem Cinematográfica”, ministrado por Peter Przygodda.³² Segundo o relatório da programação deste ano, o fruto desse curso foi a realização de um documentário de média metragem que estaria em fase de conclusão, contudo, não há mais nenhuma informação sobre o título, mesmo que provisório, ou mesmo se esse filme foi concluído. Na continuação da programação de julho, houve “Novos filmes alemães”, como programação do CCB no cine Bristol, “Curtas brasileiros”, no Instituto dos Economistas e colaborando mais uma vez com o GEC, a “V Mostra do Filme Etnográfico”. Em agosto a programação contou com uma “Retrospectiva Godard” e exibições aos sábados pela manhã no cine Bristol. Já no mês de setembro, todas as atenções estiveram voltadas para a realização da “VI Jornada Brasileira de Curta Metragem”.

No mês de outubro o CCB participou do “IV Encontro de Cineclubes do Nordeste”, realizado em Aracaju. Houve as Retrospectivas “R. W Fassbinder” e “Werner Herzog”, no Cine teatro ICBA³³ e também a mostra “Nosso cinema 80 anos”³⁴, com 28 filmes e mais os “complementos” compostos por filmes de curta-metragens, tele-jornais e filmes recuperados por pesquisadores do cinema brasileiro. O evento é patrocinado nacionalmente pela Embrafilme, organizada em Salvador pelo Clube e sediado no Cine-teatro do SESC, no Pelourinho. Segundo Roberto Farias, diretor da Embrafilme, a partir da mostra,

O público e a crítica terão a oportunidade excepcional para avaliar e consequentemente redimensionar a contribuição dos nossos cineastas ao projeto cultural brasileiro, dentro de uma ótica realística que não exclui os compromissos imprescindíveis com as múltiplas faixas de público que

³¹ CLUBE DE CINEMA DA BAHIA/ INSTITUTO GOETHE. Revisando o Neo realismo. 16 a 27 de março de 1977. *La terra trema*. Datilografado. Setor Memória UFBA. Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa; CLUBE DE CINEMA DA BAHIA/ INSTITUTO GOETHE. Revisando o Neo realismo. 16 a 27 de março de 1977. *O coração manda*. Datilografado. Setor Memória UFBA. Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa.

³² CLUBE DE CINEMA DA BAHIA. *Programação - 1977*. Datilografado. Setor Memória UFBA. Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa

³³ JORNAL A TARDE. *Retrospectiva Werner Herzog no Cine teatro ICBA até o dia 14*. Coluna Cinema de Arte. Terça-feira. 11 de outubro de 1977. Caderno 2 P.4. Hemeroteca do Centro de Memória da Bahia

³⁴ CLUBE DE CINEMA DA BAHIA. *Programação - 1977*. Datilografado. Setor Memória UFBA. Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa.

desenham o perfil do consumidor. (...) Os filmes que compõem o ciclo transmitem uma impressão positiva de criatividade, condição fundamental para afirmação de qualquer manifestação artística e expressão legítima da cultura de um povo.³⁵

Ainda que o CCB não necessariamente compartilhe desta perspectiva mais inserida na perspectiva da indústria cultural, que já se desenhava desde na segunda metade da década de 60, e que se fortalece, sobretudo, nos anos 70, no campo cinematográfico esta opção pelo mercado se torna nítida ao observarmos as transformações institucionais as quais a Embrafilme atravessa a partir de 1974/75 com o aumento das suas atribuições, que passaram a incluir a co-produção, exibição e distribuição de filmes no Brasil, além de criação de subsidiárias e financiamento da indústria, com filmes e equipamentos. (AMÂNCIO, 2007:177) E nesta perspectiva,

Mudou-se assim o sentido da produção cinematográfica para os remanescentes do Cinema Novo. Se antes seu principal objetivo era propiciar uma reflexão sobre a posição do sujeito histórico subdesenvolvido, num sentido de deslindamento de uma verdade que deveria ser necessariamente revolucionária e justamente por isso, popular - nos anos 70, constituiu-se no cinema de longa-metragem financiado pela Embrafilme, uma produção que se preocupava em ocupar o mercado, compulsoriamente destinado ao cinema brasileiro, propondo uma busca pelo povo, que transmutado em “público”, passou a ser pensado essencialmente pelo prisma do mercado. Filme poderia até continuar a ser cultura, mas cinema era indústria, e como tal, deveria ter produtividade e lucratividade, como sinal da concretização da identificação do povo brasileiro com o seu cinema. (MELO,2016:41)

Concluindo as atividades de 1977, foram exibidas nos meses de novembro e dezembro a “Semana do Cinema Polonês”³⁶, entre os dias 04 e 11 de novembro, em duas sessões noturnas, organizada em colaboração com a Embaixada da Polônia e a “Mostra de documentário Latino- Americano”, com filmes produzidos no México e Peru. As duas programações exibidas no Cine teatro do ICBA.

³⁵ JORNAL A TARDE. *Ciclo: “Nosso cinema: de Ganga Bruta a Terra em transe”*. Quarta-feira. 19 de outubro de 1977. Caderno 2. Pg 14. Hemeroteca do Centro de Memória da Bahia.

³⁶ JORNAL A TARDE. *Semana do Cinema Polonês*. Coluna Cinema de Arte. Quarta-feira. 09 de novembro de 1977. Caderno 2. Pg 03. Hemeroteca do Centro de Memória da Bahia.

Neste período, as atividades da Jornada, do GEC e do reativado CCB estavam concentradas no Instituto Goethe, que nos anos 1970, durante a primeira gestão de Roland Schaffner, tornou-se um dos principais espaços culturais de Salvador. Concentrava não só as atividades relativas ao cinema, mas também de teatro, dança, música e artes visuais. Encontramos no jornal Tribuna da Bahia tanto em 1975 quanto em 76 diversas reportagens sobre a política cultural do Instituto, que centrava as suas atenções em artistas jovens, por considerá-los como elementos essenciais da renovação da arte, citando entre estas novas iniciativas em artes visuais e pesquisa afro-brasileira, oficinas de música, e, sobretudo, atividades relacionadas ao cinema como a Cinemateca do e o arquivo central do cinema alemão no Brasil, que eram ações do próprio Instituto, além de abrigar o GEC, o CCB, a seção da ABD-BA, a seção Nordeste da Federação Nacional de Cineclubes e também as atividades das Jornadas.

Ou seja, a transferência das atividades do CCB desde 1972 e posteriormente do GEC que saiu das dependências da UFBA para o Goethe atende a uma necessidade operacional, visto que todas as outras atividades relacionadas ao cinema, listadas acima, contavam a participação de Guido Araújo. Mas, além disso, é também possível inferir que esta mudança confere às atividades uma maior segurança em relação à repressão da ditadura, já que o instituto era equivocadamente, segundo Guido³⁷ considerado como um espaço diplomático alemão, o que diminuía as interferências, como ressalta Juarez Paraíso,

A presença do ICBA foi fator modificador da vida artística e cultural da cidade do Salvador em pleno arrocho ditatorial. A sua presença foi capaz de estimular e reacender nossa criatividade amordaçada, assim como de promover concretamente a realização de novas proposições estéticas. (GMÜNDER, 2012:79)

Por isto, o Instituto Goethe se tornou um respiradouro, onde os artistas, intelectuais, estudantes e toda sorte de pessoas interessadas nas atividades que ali aconteciam, sentiam-se acolhidas e seguras para desenvolvê-las durante a ditadura militar, fazendo parte do campo cultural que exercia o que segundo Adamatti (2015:94), Bernardet classifica como cultura de resistência. Nesta perspectiva, este esforço de sistematização

³⁷ Guido Araújo. 23 de julho de 2014. Escritório da Jornada. Salvador, Bahia.

das atividades realizadas pelo CCB durante as décadas de 1960 e 70 tem por objetivo possibilitar o conhecimento de parte da ambiência cultural soteropolitana que permitiu a emergência de espaços formativos no campo cinematográfico durante este período, proporcionando o surgimento de críticos, cineclubistas, diretores, entre outras atribuições, funções e modalidades de participação no universo cinematográfico.

Referências:

ADAMATTI, Margarida Maria. *A crítica cinematográfica no jornal alternativo Opinião: frentismo, estética e política nos anos setenta*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais. Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 2015.

AMÂNCIO, Tunico. Pacto Cinema – Estado: os anos Embráfilme. *ALCEU* - v.8 - n.15 - p. 173 a 184 -jul./dez. 2007.

CAMPOS, Marina da Costa. *O Cineclube Antônio das Mortes: trajetória, exibição e produção (1977-1987)*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Imagem e Som: Universidade Federal de São Carlos. São Carlos. 2014.

CARVALHO, Maria do Socorro. *Imagens de um tempo em movimento: cinema e cultura na Bahia nos anos JK (1956-1961)*. Salvador: Edufba, 1999

GUSMÃO, Milene de Cássia Silveira. *Dinâmicas do cinema no Brasil e na Bahia: trajetórias e Práticas do século XX ao XXI*. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais: Salvador, 2007.

LUNARDELLI, Fatimarlei. *Quando éramos jovens: história do Clube de Cinema de Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed Universidade/UFRGS/UE da Secretaria Municipal de Cultura, 2000.

MELO, Izabel de Fátima Cruz. *“Cinema é mais do que filme”: uma história das Jornadas de Cinema da Bahia (1972-1978)*. Salvador: EDUNEB, 2016

OLIVEIRA, Elysabeth Senra de. *Uma geração cinematográfica: Intelectuais mineiros da década de 50*. São Paulo: Annablume, 2003.

PEREIRA, Ednei de Santana. *Imagens à margem: cinema marginal e contracultura na Bahia (1968-1972)*. Dissertação de Mestrado. Salvador: Programa de Pós Graduação em Estudos de Linguagem. Universidade do Estado da Bahia, 2014.



RIBEIRO, José Américo. *O cinema em Belo Horizonte – Do cineclubismo à produção cinematográfica na década de 60*. Belo Horizonte: Ed Ufmg, 1997

SILVA, Veruska Anacirema da. *Memória e cultura: cinema e aprendizado de cineclubistas baianos dos anos 1950*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. Universidade Estadual do Sudoeste: Vitória da Conquista, 2010.